

A REPRESENTATIVIDADE DE MULHERES NO COMANDO ESPORTIVO

Heidi J. FERREIRA¹ e José Geraldo C. SALLES²

RESUMO

O comando esportivo se configura com um campo de atuação ainda bastante limitado para o público feminino. Este estudo buscou identificar a representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. Os métodos de pesquisa empregados foram o *survey* e a análise documental. O levantamento quantitativo foi feito com todas as confederações e com uma amostra de 259 federações esportivas. Constatou-se que, no Brasil, as mulheres representam apenas 7% do total de treinadores esportivos.

INTRODUÇÃO

O mundo esportivo tem presenciado, desde o final do século XIX, o envolvimento e a inserção das mulheres nesse espaço. Entretanto, a conquista do espaço feminino no esporte pode ser considerada de alcance apenas parcial. No que se refere ao comando esportivo, são os homens que ainda prevalecem. As esferas administrativas do esporte, incluindo os cargos de direção e de tomadas de decisão, constituem espaço de domínio masculino. Isso porque a associação entre autoridade e masculinidade ainda tem grande força na percepção das pessoas (NORMAN, 2010). São homens que organizam e deliberam sobre os rumos do esporte nacional, tanto na categoria masculina quanto na feminina. Nos principais órgãos de administração esportiva são eles que estão à frente das tomadas de decisões. Esse quadro de desigualdade entre homens e mulheres na direção esportiva provoca questionamentos. Em 1995, no Centésimo Congresso Olímpico, discutiu-se o pequeno número de mulheres em posições de liderança e fizeram-se recomendações para mudança desse quadro (PFISTER, 2004).

No cargo de treinadora esportiva, o campo de atuação ainda se encontra muito limitado para o público feminino. Para se inserir e progredir na carreira elas se deparam com muitos obstáculos, desde o preconceito até os baixos salários.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Poços de Caldas. Poços de Caldas/MG. Email: heidi.ferreira@ifsuldeminas.edu.br

² Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/MG.

Inserido nesse contexto, este estudo teve como objetivo fazer um levantamento quantitativo da atuação de mulheres como técnicas esportivas no Brasil.

Números das mulheres no comando esportivo nacional e mundial

Atualmente, no Comitê Olímpico Internacional, as mulheres respondem por cerca de 19% dos seus membros (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2012). Nos órgãos executivos dos Comitês Olímpicos Nacionais existentes no mundo, elas ocupam 20,5% do efetivo e nas federações internacionais esse número é de 17,6% (COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL, 2012). No comando dos principais órgãos da administração esportiva do Brasil (Ministérios dos Esportes, Comitê Olímpico Brasileiro, Comitê Paraolímpico Brasileiro, Confederações Esportivas e a Comissão Nacional de Atletas), as mulheres representam 14% do total e nas presidências das federações esportivas a proporção é ainda menor, apenas 7% (MOURÃO; GOMES, 2004).

Em relação ao cargo de treinadora esportiva no Brasil, em clubes do Rio de Janeiro que contam com centenas de técnicos atuando, apenas 34 são mulheres (SOUZA DE OLIVEIRA, 2002). Na Espanha, em 2002, 13,26% eram mulheres. Em 2006, esse percentual elevou-se para 22,12% (FERNÁNDEZ; VENTURA, 2007). Na França, o estudo realizado por Chimot (2003 *apud* PINTO, 2009) identificou que no cargo de treinador nacional as mulheres correspondem a 18,8%. No Reino Unido, elas representam somente 4% do total de técnicos nacionais de equipes femininas (NORMAN, 2010). No Canadá, na delegação enviada para os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, a participação feminina foi de 10,5% do total de treinadores (DAVIS, 2010). No esporte universitário, as canadenses correspondem à minoria de 20% como técnicas (READE, RODGERS; NORMAN, 2009). Nos Estados Unidos, em 2012, a representatividade de técnicas atuantes em equipes femininas já alcança 42,9%; em equipes masculinas ainda se limita entre 2 e 3%; e, no total, em equipes masculinas e femininas, esse número é de 20%. Nos Estados Unidos, entre 200 e 300 mulheres treinam equipes masculinas, enquanto 5.300 homens treinam equipes femininas (ACOSTA; CARPENTER, 2012).

Em suma, os dados indicam que tanto na administração esportiva como em cargos técnicos como o de treinador, em âmbito nacional e internacional, os homens

constituem a maioria. Acosta e Carpenter (2012) observaram que os números nos postos administrativos e técnicos possuem estreita relação, já que onde há mais mulheres com poder de decisão e contratação, também há maior presença feminina como treinadoras. Pfister (2004) encara essa situação como um problema, já que são homens que na maioria das vezes decidem pelo esporte feminino.

MATERIAL E MÉTODOS

Os métodos empregados nessa pesquisa foram o *survey* e a análise documental. O estudo, do tipo descritivo, buscou quantificar a representatividade de mulheres como treinadoras no Brasil. A coleta de dados foi realizada via email, telefone e busca de informações disponíveis em sites de federações, confederações e relatórios do Comitê Olímpico Brasileiro. Os dados obtidos foram compilados em *Microsoft Excel* e analisados conforme a determinação de frequência relativa.

O levantamento quantitativo foi realizado com todas as confederações esportivas de modalidades olímpicas e com uma amostra de 259 federações distribuídas entre todos os estados e entre vinte e duas modalidades esportivas (esportes aquáticos, atletismo, *badminton*, basquete, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginásticas, handebol, hipismo, judô, levantamento de peso, pentatlo, remo, *taekwondo*, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, triatlo e voleibol). A taxa de resposta foi de 44% do total de entidades procuradas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através do levantamento feito com federações esportivas brasileiras foi encontrado o seguinte resultado: apenas 7% dos técnicos esportivos são mulheres. Do total de federações pesquisadas, 185 não possuem mulheres cadastradas como técnicas. Ou seja, 71,4% das federações possuem 100% de homens filiados como treinadores. Nos Jogos Pan-americanos de 2011, a proporção de mulheres integrantes da comissão técnica brasileira foi de apenas 13% (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2011). Nesse sentido, e utilizando o referencial teórico de Kanter (1993), pode-se considerar que as treinadoras brasileiras adquirem um *status* simbólico no comando esportivo nacional.

Por meio de consultas junto às confederações e ao relatório dos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, constatou-se que nas seleções brasileiras de trinta e nove esportes existem mulheres como técnicas em apenas doze. São dezesseis treinadoras distribuídas entre as modalidades de ginástica de trampolim, ginástica artística, ginástica rítmica, ginástica aeróbica, patinação artística, nado sincronizado, saltos ornamentais, *squash*, judô, *taekwondo*, vôlei de praia e atletismo. Como se pode ver, grande parte dessas modalidades são aquelas ditas adequadas às mulheres. Das dezesseis técnicas identificadas, seis pertencem ao nado sincronizado e à ginástica rítmica, modalidades praticadas exclusivamente por mulheres. Percebe-se, então, que quando é permitido o comando às mulheres, isso se dá majoritariamente nas práticas esportivas consideradas essencialmente femininas. As mulheres estão mais propensas a serem treinadoras de esportes que possuem menor prestígio e *status* para os homens, como os individuais e os femininos (KAMPHOFF; ARMENTROUT; DRISKA, 2010). Para Reade, Rodgers e Norman (2009), limitar as mulheres a atuarem em esportes tradicionalmente femininos consiste em uma maneira de marginalizá-las e de garantir a hegemonia masculina.

CONCLUSÕES

Os números confirmaram que no Brasil a representatividade feminina no cargo de treinadora esportiva é muito baixa, podendo ser considerada uma presença apenas simbólica. A gestão esportiva é realizada por homens, e eles tendem a contratar outros homens, o que reforça o domínio masculino nesse espaço. Assim, a primeira barreira encontrada pelas mulheres é a falta de oportunidades. A maioria das técnicas permanece restrita às categorias de base e nos esportes considerados adequados a elas.

O aumento da representação de mulheres em busca da igualdade de gênero nesse campo pode levar a novas perspectivas no mundo esportivo, já que elas possuem conhecimentos e valores diferentes. Para que isso ocorra, é fundamental incentivar a ampliação das redes de contato femininas, o aumento da participação das mulheres na administração esportiva brasileira e na prática esportiva; garantir a permanência delas no esporte; estimular o aperfeiçoamento das profissionais, bem

como investir na visibilidade feminina em diferentes funções e esferas esportivas. As mulheres precisam decidir por elas, por seus corpos e pelos rumos de suas práticas.

AGRADECIMENTOS: CAPES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, V; CARPENTER, L. **Women in Intercollegiate Sport: a longitudinal, national study, thirty five year update 1977-2012.** Manuscrito não publicado. Disponível em: <<http://www.acostacarpenter.org/>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Guia para a Imprensa: Jogos Pan-americanos Guadalajara 2011.** Disponível em: <http://www.cob.org.br/guadalajara2011/media-guide/COB_mediaguide_port_2011v2.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2012.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <<http://www.olympic.org/women-sport-commission?tab=Advocacy>>. Acesso em: 25 fev. 2012.

DAVIS, D. Sports Letter Interview: Sheila Robertson Explores the Challenges for Female Coaches. **Sports Letter**, p.10-13, 2010. Disponível em: <<http://www.sportsletter.org/sportsletter/2010/08/sl-interview-sheila-robertson-explores-the-challenges-for-female-coaches.html>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

FERNÁNDEZ, F. R.; VENTURA, K. E. **Mujeres en lós órganos de gobierno de las organizaciones deportivas españolas 2002-2006.** Madrid: Comissão Mulher e Esporte, Comitê Olímpico Espanhol, 2007. Disponível em: <<http://www.mujerydeporte.org/documentos/ESTUDIO%20MUJERES%20EN%20LOS%20ORGANOS%20DE%20GOBIERNO%20DE%20LAS%20ORGANIZACIONES%20DEPORTIVAS%20ESPA%20C3%91OLAS%202002-2006.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

KAMPHOFF, C; ARMENTROUT, S; DRISKA, A. The Token Female: Women's Experiences as Division I Collegiate Head Coaches of Men's Teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, v.3, p.297-315, 2010.

KANTER, R. M. **Men and women of the corporation**. New York: Basic Books, 1993.

MOURÃO, L; GOMES, E. M. Mulheres na Administração Esportiva Brasileira: uma trajetória em curso. In: SIMÕES, A. C; KNIJNIK, J. D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p.305-317.

NORMAN, L. Bearing the burden of doubt: female coaches experiences of gender relations. **Research Quarterly for Exercise & Sport**, v.81, n.4, p.506-518, dez. 2010.

PFISTER, G. As mulheres e os Jogos Olímpicos: 1900-97. In: DRINKWATER, B. **Mulheres no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2004. p.3-15.

PINTO, C. **Mulheres e desporto**: caracterização da participação na direção nas federações olímpicas portuguesas. 2009. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

READE, I; RODGERS, W; NORMAN, L. The Under-Representation of Women in Coaching: A Comparison of Male and Female Canadian Coaches at Low and High Levels of Coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.4, n.4, 2009.

ROCHA, C. **Gênero em ação: rompendo o Teto de vidro?** (Novos contextos da tecnociência). 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SOUZA DE OLIVEIRA, G. A. **Representações sociais de mulheres técnicas sobre o comando de equipes esportivas de alto nível**. 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2002.

STEIL, A. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, v.32, p.62-69, 1997.